

## DESCARTES E UM NOVO FUNDAMENTO PARA A VERDADE<sup>1</sup>

Maria Helena Ferreira de Sousa- orientanda  
Ms. Ideusa Celestino Lopes- orientadora

**Resumo:** Por inaugurar dentro de seu tempo uma nova forma de pensar, René Descartes (1596-1650) é considerado um dos iniciadores da modernidade. Ao se dar conta da inutilidade do fundamento filosófico tradicional, por ser cheio de erros e imprecisões, sente a necessidade de buscar um conhecimento puro, preciso e inabalável. Inicia rejeitando tudo o que havia aprendido com a tradição e procura erguer um novo fundamento. Na busca pela verdade, propõe um Método, capaz de alcançar as bases inabaláveis que tanto almeja. Partindo da dúvida metódica, obrigatória mas passageira, chega à primeira certeza clara e evidente: “*Penso, logo existo*”, a certeza da sua existência enquanto ser pensante. Assim, conclui que a verdade encontra-se no sujeito, nas idéias claras e distintas. Ainda, ao perceber que as idéias verdadeiras, por serem perfeitas não podiam originar-se em si mesmo que é um ser imperfeito, chega à idéia de Deus, ser Perfeitíssimo e Sumamente Bom, causador da idéia de perfeição, garantia da verdade encontrada.

**Palavras-chave:** Descartes, fundamento, verdade.

### INTRODUÇÃO

Apresentaremos René Descartes como um dos iniciadores do pensamento moderno. A partir de suas próprias considerações nas obras, *Discurso do Método e Meditações Metafísicas*<sup>2</sup>, mostraremos por que o filósofo sente-se tão desconfiado em relação aos ensinamentos recebidos da tradição escolástica<sup>3</sup>, por que preocupa-se em buscar um novo fundamento filosófico e como consegue o seu grande objetivo.

Abordaremos os principais motivos que o levaram a romper com a tradição e como se dá sua procura pelo fundamento da verdade. Veremos que Descartes propõe um Método para alcançar o conhecimento verdadeiro, quando percebe que somente instrumentalizando a razão é possível chegar a tal conhecimento. Em seguida,

---

<sup>1</sup> Trabalho de conclusão do curso de Filosofia da Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA.

<sup>2</sup> Principais obras de Descartes. A primeira propõe um Método, baseado na razão, para conduzir o pensamento humano, e a segunda a discussão em torno da existência de Deus e da alma.

<sup>3</sup> Escolástica foi como ficou conhecida a Filosofia Medieval em torno dos sécs. XI-XII, o termo designa todos aqueles que pertencem a uma escola ou que se vinculam a uma determinada escola de pensamento e de ensino. Passou a significar também por esse motivo, um pensamento filosófico que compartilha a aceitação de certos princípios doutrinários comuns, os dogmas do cristianismo que não deveriam ser objeto de discussão filosófica, embora na prática essa discussão não tenha deixado de acontecer. Eis um dos pontos cruciais da famosa querela razão e fé que percorre toda a Filosofia Medieval. Cf. MARCONDES, Danilo. *Iniciação à História da Filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein/ 11ª ed.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2007, pág.118

abordaremos o papel da dúvida no pensamento cartesiano e o alcance da primeira verdade inabalável: “*Penso, logo existo*”, a certeza da sua existência enquanto ser pensante. A partir do Eu, Descartes percebe que a verdade se encontra nas idéias inatas, atingidas pela luz da razão e que por serem perfeitas, só podem ser originadas de um ser também perfeito, Deus. E assim, o filósofo tenta provar a existência de Deus, garantia da verdade encontrada.

## 1. A INSATISFAÇÃO COM A FILOSOFIA TRADICIONAL

Descartes desde muito cedo foi instruído nas letras, sua formação acadêmica foi sem dúvida privilegiada, estudou em uma das melhores escolas da Europa, o Colégio Jesuíta de La Flèche, que com certeza muito contribuiu com aspectos positivos para a sua vida.

No Colégio o curso era bastante rigoroso e amplo, os alunos dedicavam-se ao estudo das línguas, de textos dos antigos, história, eloquência, poesia, matemática, teologia, filosofia. O curso compreendia três anos de gramática, um ano de humanidades, onde se estudava História e Poesia, e um ano de Filosofia, abarcando Lógica, Física e Metafísica, baseada na doutrina de Aristóteles, interpretado por São Tomás de Aquino<sup>4</sup>.

Como observamos os estudos em La Flèche ainda atrelava-se a tradição e a cultura escolástica, o colégio jesuíta utilizava-se do modelo adotado no século XIII, nas Universidades. A base dos estudos das Escolas medievais eram o *Trivium* (Gramática, retórica e dialética) e o *Quadrivium* (Aritmética, Geometria, Música e Astronomia), que apesar de rigorosos estão amplamente ligados à questão Religiosa; a ciência era subordinada à Teologia e Aristóteles era amplamente admirado<sup>5</sup>.

No século de Descartes, a ciência aristotélica difundida e aceita no Período medieval, não exercia mais tanta autoridade como tinha até então. Naquele período pairava uma atmosfera de inovações. Devido as transformações na visão de homem e de

---

<sup>4</sup> Cf. BEYSSADE, Michelle. Descartes. Edições 70, pág. 12

<sup>5</sup> Cf. discussão de forma mais ampla em GILSON, Etienne. A Filosofia na Idade Média. Tradução: Eduardo Brandão- São Paulo: Martins Fontes, 1995. Pág. 492

mundo, as idéias estabelecidas pela tradição são questionadas por alguns estudiosos como é o caso do nosso filósofo que ajuda a suplantá-las. Com toda essa reviravolta no que era considerado certo e base para a educação na Europa, não é de admirar que Descartes tenha se sentido desconfiado e confuso.

Em sua formação o que nos chama atenção é a forma como o filósofo a aprecia, falando dos seus estudos sempre com muito gosto, do Colégio Jesuíta nos passa a melhor impressão, afirmando que estudou na melhor escola da Europa. Mas apesar de toda a sua estima e de todo o proveito que possa ter tirado de lá, Descartes deixa claro no Discurso do Método sua insatisfação com alguns estudos realizados, ao perceber que saiu dali com profundas incertezas e embaraçado de dúvidas e de erros. Assim se expressa:

Fui instruído nas letras desde a infância, e por me haver convencido de que, por intermédio delas, poder-se-ia adquirir um conhecimento claro e seguro de tudo o que é útil à vida, sentia extraordinário desejo de aprendê-las. Porém, assim que terminei esses estudos, ao cabo do qual costuma-se ser recebido na classe dos eruditos, mudei totalmente de opinião. Pois me encontrava embaraçado com tantas dúvidas e erros que me parecia não haver conseguido outro proveito, procurando instruir-me, senão o de ter descoberto cada vez mais a minha ignorância.<sup>6</sup>

Descartes encontra-se em uma esfera de grandes incertezas. Mesmo sendo um homem mergulhado nas “letras”, sentia-se confuso em relação a algumas instruções que havia recebido, por exemplo, o jovem mostrava-se satisfeito com os ensinamentos matemáticos devido sua certeza e evidência, mas quando se tratava do conhecimento filosófico percebia claramente grandes lacunas e que por ser vulnerável, não servia como fundamento seguro pois o que procurava era uma base sólida para o conhecimento. A Filosofia tradicional era cheia de dúvidas e opiniões distintas “*ao considerar quantas opiniões distintas, defendida por homens eruditos, sem que possa haver mais de uma que seja verdadeira, achava quase como falso tudo quanto era apenas provável*”.<sup>7</sup>

Descartes rejeita a tradição filosófica, não porque estivesse totalmente em desacordo com tudo o que estava exposto ali, mas o que lhe incomodava era os

---

<sup>6</sup> DESCARTES, René. DISCURSO DO MÉTODO. São Paulo: Editora: Nova Cultural, 2000. Pág.: 37 (Coleção Os pensadores)

principais métodos de ensino: a lição que resumia-se somente a simples explicação de textos e a disputa, uma espécie de jogo dialético, onde o sucesso estava no domínio da Lógica. A Lógica era utilizada apenas para vencer pontos em debates e não para a busca da verdade.

A obscuridade e a imprecisão da filosofia aristotélica, considerada a ciência oficial da Igreja católica e das Universidades européias, também incomoda nosso filósofo que percebe que algumas das explicações dadas por Aristóteles, mostravam-se imprecisas mediante as novas teorias que estão sendo difundidas e segundo Descartes esse era um dos motivos pelo qual não se tinha alcançado até então a verdade.

Percebendo que o conhecimento tradicional não era puro, mas cheio de noções imprecisas e mal definidas, por isso não conseguia explicar corretamente os fenômenos, e que tal conhecimento não podia alcançar a certeza devido a diversidade de opiniões, Descartes critica sistematicamente todo o conhecimento recebido da tradição, ao perceber que desde a sua infância considerava verdadeira opiniões equivocadas. Por isso, busca uma verdade segura. Abandona o fundamento da tradição escolástica que baseava-se nas Sagradas Escrituras e na ciência Aristotélica e busca na racionalidade um novo fundamento. Percebe que todos os homens são dotados de razão mas para alcançar a verdade é necessário cultivá-la. Por isso, propõe um Método racional, constituído de quatro regras claras, que se tornavam uma condição para se conhecer a verdade. Vejamos como precisamente este seu admirável intento se concretiza.

## **2. O MÉTODO DE DESCARTES.**

Descartes lamenta muito que as reflexões filosóficas não possuam fundamentos tão firmes como os da Matemática. Alguns dos ensinamentos recebidos lhes seriam de grande valia, mas a Filosofia tradicional é vista pelo filósofo com maus olhos, pois

Descartes percebe que seus discursos são apenas prováveis.

Na busca por um conhecimento sólido, Descartes propõe um Método baseado na Razão, um conjunto de regras para guiar quem quer que procurasse a verdade e que

---

<sup>7</sup> Ibid. pág 41

fosse capaz de encontrar novos alicerces para o conhecimento. O Método consiste em quatro regras, que se tornavam condição para se conhecer a verdade

A primeira regra do Método cartesiano é a Evidência, ou seja, nunca aceitar algo como verdadeiro, sem antes conhecê-lo necessariamente como tal, certificar-se dessa verdade, evitar a precipitação, absorver somente as verdades que se apresentam claras e distintamente. A Evidência é como se fosse uma resistência à dúvida, alcançada pela intuição<sup>8</sup> ou “luz natural”. A segunda regra é a Análise, reduzir o que não é imediatamente evidente ao evidente, transformando as coisas complexas em simples para que fosse melhor resolvê-las e chegar à evidência. A terceira regra é a Síntese, começar pelas idéias mais simples para depois partir para as mais complexas. E a quarta e última regra é a Enumeração: “[...] o de efetuar em toda parte relações metódicas tão completas e revisões tão gerais nas quais eu estivesse a certeza de nada omitir”.<sup>9</sup>

Com a análise das quatro regras do Método utilizado por Descartes, percebemos que sua base não é outra senão o método matemático, que segundo as convicções do filósofo é o único certo e infalível. A matemática é uma fonte de inspiração, um modelo ideal, pois é um conhecimento puro e simples atingido pelo exercício da razão. Ao invés de aplicar suas regras apenas à mecânica, como fazia seus contemporâneos, aplicou na busca pelo conhecimento verdadeiro.

Agora, o filósofo está equipado para reconstruir o conhecimento, demolir as verdades estabelecidas e procurar uma única verdade incontestável que servisse de base para todas as demais. Desprender-se das antigas opiniões era o primeiro passo para empreender a busca por um conhecimento seguro; procura começar tudo de novo, edificar um conhecimento sólido. Para encontrar ao menos uma única verdade absoluta, algo seguro e inabalável, resolve rejeitar como totalmente falso tudo o que pudesse haver a menor dúvida, para ver se haveria em sua confiança algo que fosse completamente incontestável. Vejamos a função da dúvida.

### **3. A DÚVIDA METÓDICA COMO ESTRATÉGIA.**

---

<sup>8</sup> Para Descartes a intuição não significava o testemunho variável dos sentidos, ou o juízo ilusório da imaginação, mas a concepção de uma mente clara e atenta, que é tão fácil e distinta que não pode deixar lugar à dúvida sobre aquilo que se apreende. Cf. definição em COTTINGHAM, John. *Dicionário de Descartes*; Tradução, Helena Martins; revisão técnica, Ethel Alvarenga; consultoria, Raul Landim.- Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995. Pág. 91

<sup>9</sup> DESCARTES, René. Op. Cit. Pág. 50

Descartes rejeita como verdadeiro tudo o que seja passível de dúvida e procura verificar se existe algo de certo e indubitável. Seu ponto de partida é a dúvida metódica. A dúvida do filósofo nasce a partir do momento em que toma consciência da incerteza do conhecimento adquirido. Observemos suas considerações na obra *Meditações Metafísicas*:

Já faz bastante tempo que eu me dei conta de que, a partir de minha infância, considerava verdadeiras muitas opiniões equivocadas, e de que aquilo que, mais tarde estabeleci em princípios tão mal fundamentados só podia ser deveras suspeito e impreciso; de maneira que era preciso que eu tentasse com seriedade, uma vez em minha vida, livrar-me de todas as opiniões nas quais até aquele momento acreditara, e começar tudo novamente a partir dos fundamentos, se pretendesse estabelecer algo sólido e duradouro nas ciências.<sup>10</sup>

Já no início das *Meditações Metafísicas*, Descartes se preocupa em duvidar das coisas prováveis. Na primeira das *Meditações* explica as razões pelas quais devemos por tudo em dúvida. Como já citamos anteriormente, o filósofo percebe que suas opiniões adquiridas desde a infância são mal fundamentadas, necessitando por tanto livrar-se delas e construir um conhecimento, desde os seus fundamentos, a fim de encontrar algo sólido.

O primeiro objeto de dúvida é o testemunho dos sentidos e tudo o que ficou sabendo através dele, Descartes percebe que a legitimação da ciência não pode se dá através da sensibilidade, pois os sentidos são enganadores e podem nos mostrar percepções equivocadas. A dúvida em relação aos sentidos se estende mais ainda quando o filósofo afirma que a experiência sensível enganam não somente em relação a

objetos distantes, mas nos enganam até mesmo em relação a coisas de que não poderíamos sensatamente duvidar. Por isso nos fala da dificuldade de distinguirmos a virgília do sono. Quantas vezes pensamos viver situações reais quando na verdade essas imagens não passam de sonhos.

---

<sup>10</sup> DESCARTES, René. *Meditações Metafísicas*. São Paulo: Editora: Nova Cultural,2000.(Coleção Os Pensadores) Pág. 245

Os argumentos de Descartes mostram que os sentidos não são confiáveis, mas o filósofo deixa de lado as convicções baseadas nos sentidos e prossegue ainda em suas incertezas, examinando e duvidando até mesmo de conhecimentos que não dependem dos sentidos. A dúvida agora toma proporções exageradas pois duvida até mesmo das verdades matemáticas, sob a hipótese de um gênio maligno, um Deus enganador que fizesse com que pensássemos que as idéias claras e distintas fossem verdadeiras quando na verdade não eram.

Presumirei, então, que existe não um verdadeiro Deus, que é suprema fonte da verdade, mas um certo gênio maligno, não menos astucioso e enganador do que poderoso, que dedicou todo o seu empenho em enganar-me. Pensarei que o céu, o ar, a terra, as cores, as figuras, os sons e todas as coisas exteriores que vemos não passam de ilusões e fraudes que Ele utiliza pra surpreender a minha credulidade.<sup>11</sup>

Assim, a partir da noção de um Deus malvado, supõe que todas as coisas exteriores são ilusórias, todas as suas crenças adquiridas ao longo da vida são incertas. A dúvida exagerada tem uma finalidade, era como que um mecanismo para produzir os primeiros princípios. A estratégia da dúvida pretendia construir fundamentos seguros, ao duvidar, aspirava demolir os antigos alicerces tão incertos e encontrar outros que pudessem ser confiáveis, a rejeição sistemática das crenças que levantassem qualquer indício de dúvida poderia servir para a Filosofia como veículo para a descoberta de um ponto de partida seguro.

#### **4. A PRIMEIRA CERTEZA: “PENSO, LOGO EXISTO”.**

Descartes dedicou-se inteiramente à pesquisa da verdade, rejeitou como totalmente falso tudo aquilo o que era incerto: negou a existência do mundo, as coisas

externas e até mesmo as verdades matemáticas sob a hipótese do gênio maligno. Aceitou que tudo não passava de ilusão. Mas, ao concluir que teve a capacidade de duvidar, é por que certamente deveria ser alguma coisa. Se o gênio maligno o enganava, só poderia na realidade existir.

...Mas eu me convenci de que nada existia no mundo, que não havia céu algum, terra alguma, espíritos alguns, nem corpos alguns; logo, não me convenci também de que eu não existia? Com certeza, não; sem dúvida eu existia, se é que me convenci ou só pensei ser alguma coisa. Mas existe alguém, não sei quem, enganador muito poderoso, que dedica todo o seu empenho em enganar-me sempre. Não há então, alguma dúvida de que existo se ele me engana; e por mais que me engane, nunca poderá fazer com que eu nada seja, enquanto eu pensar ser alguma coisa. De maneira que, depois de haver pensado bastante nisto e analisado cuidadosamente todas as coisas, se faz necessário concluir e ter por inalterável que esta proposição, *eu sou, eu existo*, é obrigatoriamente verdadeira todas as vezes que a enuncio ou que a concebo em meu espírito.<sup>12</sup>

Descartes chega à certeza da sua existência, garantida pelo processo de pensar, a conclusão em que chegou, ou seja, o “*eu sou, eu existo*” era verdade sempre que a formulava em sua mente, em seu pensamento. A sua existência é portanto a primeira certeza encontrada, uma verdade tão evidente que não se pode duvidar da sua veracidade. O que deveria ser já que seus argumentos abalaram completamente suas convicções em relação ao que pensava que era? Antes achava que era provido de matéria e que a conhecia perfeitamente, mas ao colocar sob suspeita a existência das coisas corpóreas só podia ser uma coisa que pensa, sente, imagina, ou seja, espírito, razão. Algo que não pode desprender-se de si, se deixasse de pensar, deixaria de existir. Disso ninguém podia duvidar.

...ao mesmo tempo que eu queria pensar que tudo era falso, fazia-se necessário que eu, que pensava, fosse alguma coisa. E, ao notar que esta verdade: *eu penso, logo existo*, era tão sólida e tão correta que as mais extravagantes suposições dos cétricos não seriam capazes de lhe causar abalo, julguei que podia considerá-la, sem escrúpulo algum, o primeiro princípio da filosofia que eu procurava.<sup>13</sup>

A afirmação “*Penso, logo existo*” era inevitavelmente verdadeira, resistia a qualquer dúvida e até mesmo à suposição do gênio maligno, uma vez que para enganá-lo era necessário que existisse. O pensar era a única condição para o existir. Percebemos nesta afirmação como Descartes considera distintos a alma e o corpo.

---

<sup>11</sup> Ibid. Pág 255

<sup>12</sup> Ibid. Pág: 258.

Acredita que para existir não precisa necessariamente de matéria, o que encontra como evidente é a existência do pensamento, das idéias que estão no pensamento, por isso se reconhece indubitavelmente como um ser cuja natureza era pensar.

Assim, na compreensão cartesiana, corpo e alma se distinguem, tendo o mundo material como natureza a propriedade da extensão, enquanto que a existência espiritual, ligada diretamente ao ser, tem o pensamento como natureza, sendo muito mais fácil conhecer aquilo que pode ser apreendido pela mente. É o que tenta reforçar na segunda das *Meditações Metafísicas*, na célebre ilustração do pedaço de cera, que tem odor, é dura, fria, mas que ao aproximá-la do fogo, perde suas características físicas, se altera gradativamente. A cera continua a ser o que era antes, mas separando dela as qualidades sensíveis o que permanece é somente aquilo que se pode apreender pelo entendimento.<sup>14</sup> Portanto, na dualidade entre corpo e mente o que garante verdadeiramente, sem dúvida alguma, a existência do eu é o pensamento.

## 5. O VERDADEIRO FUNDAMENTO DA VERDADE

Descartes rejeita que o conhecimento verdadeiro advenha dos sentidos e toma a consciência de si como ser pensante, por isso a proposição: “*Penso, logo existo*”, é a primeira certeza alcançada pela aplicação das regras do Método, é o princípio da Filosofia que buscava, tomando por primeira regra geral que as coisas concebidas “claras e distintamente” são todas verdadeiras, surgindo aí a primeira regra da verdade, clareza e distinção. Essa idéia por ser clara, possuía uma verdade imediata, era indubitável, e por ser distinta, não podia ser confundida com nenhuma outra.

O fundamento do conhecimento não estando nos sentidos, na observação de objetos exteriores, na relação imediata entre o sujeito que conhece e o objeto a ser conhecido, somente podia estar na razão, onde o homem tem acesso às idéias claras e distintas, às idéias inatas e perfeitas. Mas, Descartes não tinha nada que assegurasse a verdade dessa proposição, percebia que a única coisa que via clara e distintamente

---

<sup>13</sup> DESCARTES, René. *Discurso do Método*. São Paulo: Editora: Nova Cultural, 2000. Pág.: 62 (Coleção Os Pensadores)

nela é que as idéias, ou o pensamento dessas coisas estavam em seu espírito, isso não podia negar. Ao pensar na impossibilidade de idéias perfeitas serem originadas de um ser imperfeito, chega á idéia de Deus, ser Perfeitíssimo que assegura a verdade encontrada.

...Pois, em princípio, aquilo mesmo que há pouco tomei como regra, ou seja, que as coisas que concebemos bastante evidente e distintamente são todas verdadeiras, não é correto a não ser porque Deus é ou existe, e é um ser perfeito, e porque tudo o que existe em nós se origina dele. De onde se conclui que as nossas idéias ou noções, por serem coisas reais e oriundas de Deus em tudo em que são evidentes e distintas, só podem por isso ser verdadeiras.<sup>15</sup>

A existência do Deus Perfeitíssimo e bom suplanta a idéia do gênio maligno, por isso idéias que possuem clareza e distinção como as idéias matemáticas que tinham sido colocadas em dúvida pela hipótese de um deus enganador é salva, a verdade está realmente nas idéias claras e distintas. Com isso Descartes chega ao verdadeiro fundamento da verdade. A verdade encontra-se no sujeito, nas idéias inatas, impressas por Deus e alcançadas pela luz da razão. Agora, restava ao filósofo apenas provar a existência do Ser Perfeito e Bom, causador das idéias perfeitas, ou seja, as idéias inatas, origem do conhecimento; e é isso que faz na obra *Meditações Metafísicas*, prova a existência de Deus e da alma.

## 6. AS PROVAS DA EXISTÊNCIAS DE DEUS.

Descartes prova a existência de Deus mediante três argumentos. Após concluir que em nós existe a idéia de um Ser Perfeito, Soberano, Eterno, Imutável, busca identificar qual seria sua causa, que deveria ser superior ao efeito, ou pelo menos semelhante.

O princípio da causalidade é o primeiro argumento cartesiano. Mas era

---

<sup>14</sup> Cf. ilustração em DESCARTES, René. *Meditações Metafísicas*. São Paulo. Editora: Nova Cultural, 2000. Pág 264

<sup>15</sup> Ibid. Pág 67

necessário uma correspondência entre causa e efeito, a causa da realidade objetiva deveria ser proporcional à essa realidade. Vejamos como Descartes aplica o princípio da causalidade:

É coisa evidenciada pela razão que deve existir ao menos tanta realidade na causa eficiente e total quanto em seu efeito: por que de onde é que o efeito pode tirar sua realidade a não ser de sua causa? E como poderia lhe comunicar se não a possuísse em si própria? Daí resulta não apenas que o nada não poderia produzir coisa alguma, mas também que o que é mais perfeito, ou seja, o que contém em si mais realidade não pode ser uma consequência e uma dependência do menos perfeito. E esta verdade não é apenas clara e evidente em seus efeitos, que possuem essa realidade que os filósofos chamam de atual ou formal, mas também nas idéias onde se considera apenas a realidade que elas chamam de objetiva: por exemplo, a pedra que ainda não foi, não só não pode agora começara ser, se não for produzida por uma coisa que possui em si, formalmente ou eminentemente, tudo o que entra na composição da pedra...<sup>16</sup>

Utilizando aqui o princípio da causalidade, o efeito é a idéia de infinito. Descartes nos diz que a causa eficiente é tão real quanto o efeito, ou seja, a idéia que é pensada deve ter uma causa real. Os efeitos, com certeza deveriam ter uma causa, não poderiam ter surgido do nada e nem tão pouco, idéias perfeitas poderiam ter tirado dele mesmo, tendo em vista sua limitação e imperfeição, a idéia de um Ser Perfeito, Eterno, Imutável, só poderia ter sido originadas de algo também perfeito.

Por isso, as idéias corporais poderiam ter origem no ser pensante e finito, mas a idéia de perfeição tinha um grau de objetividade tão grande, que ultrapassa a sua capacidade de causá-la, uma substância finita não poderia ser a causa de uma idéia infinita.

Quanto mais a realidade pensante e finita não pudesse ser a causa de uma determinada idéia, mais realidade objetiva ela teria. E se a realidade pensante não poderia ser a causa dessa idéia, deveria existir realmente algo perfeito que fosse sua causa. Mesmo que uma idéia origine outra idéia, isso não pode acontecer infinitamente, podemos portanto, chegar a uma primeira idéia, que tenha uma causa mais perfeita que o efeito. Assim, se há em nós a idéia de um Ser Perfeito, teremos

---

<sup>16</sup> Ibid. pág. 276

que pensar que o Ser que é a causa dessa idéia, deve ter mais perfeição do que seu efeito.

Se temos a idéia de um Ser Perfeito, Eterno, Onisciente, a causa dessa idéia só pode ser algo que contenha também em si todas essas qualidades, que também seja perfeito. Sendo Descartes um ser finito e imperfeito é claro que não pode ser a causa dessa idéia e nem poderia ter sido essa idéia de perfeição, fruto de outras idéias. Portanto se torna necessário afirmar que, Deus existe, pois somente um ser perfeito poderia ter nos inculcado a idéia de perfeição.

A segunda prova da existência de Deus se dá mediante o argumento de que o ser imperfeito, não podendo ser a causa da idéia do Ser Perfeito, também não pode ser a causa da sua própria existência.

É por isso que desejo passar adiante e averiguar se eu mesmo, que possuo essa idéia de Deus, poderia existir, no caso de não haver Deus. E, pergunto, de quem originarei minha existência? Talvez de mim mesmo, ou de meus pais, ou ainda de quaisquer outras causas menos perfeita que Deus, já que nada se pode imaginar mais perfeito, nem menos igual a Ele.<sup>17</sup>

Descartes se pergunta se não poderia ser ele mesmo a causa do seu ser, donde conclui que se fosse o seu próprio criador, não lhe faltaria nada, se fosse independente de qualquer outro ser, não duvidaria de coisa alguma, não sentiria desejos, não necessitaria de perfeição, pois teria proporcionado a si mesmo todas as de que tinha alguma idéia.

Sendo assim, é necessário que Deus, ser Infinito e Perfeito, seja o autor de sua existência e da sua preservação, pois uma substância para continuar sendo o que é, precisa do mesmo poder que seria necessário para produzi-la e criá-la de novo. Descartes não tinha o poder de fazer com o que era agora, fosse ainda no futuro, conseqüentemente nem o poder de sua própria criação. Se existisse no filósofo esse poder, com certeza teria o conhecimento dele, mas não sentia em si nenhum poder dessa natureza, e reconhecia que deveras dependia de algum ser distinto.

---

<sup>17</sup> Ibid. 284

Descartes ainda levanta a hipótese de que o ser do qual dependa a sua criação, poderia não ser Deus, mas por outras causas menos perfeitas. Mas isso não se sustenta por muito tempo, pois como disse anteriormente deve haver tanta realidade na causa quanto no efeito, então a causa da sua existência deve pelo menos um ser pensante e ter a idéia de perfeição, assim como Descartes. Daí então é que se analisa se essa causa origina a sua própria existência. Se a causa não origina sua própria existência, ou seja, não tem a capacidade de existir por si mesmo, perguntaremos pela sua causa, e assim progressivamente, o que nos levaria a uma questão infinita. Mas ao contrário, se essa causa se origina, deve ser ela própria, Deus. Se tiver a capacidade de se originar, deve possuir também todas as perfeições de que o filósofo concebe existentes em Deus.

É importante salientarmos ainda, que além da certeza da existência de Deus, Descartes conclui também que esse Deus não é enganador. Vejamos como se expressa:

Em primeiro lugar, reconheço que é impossível que me engane, visto que em todo embuste há alguma imperfeição. E, embora pareça que poder enganar seja um sinal de esperteza ou de poder, querer enganar testemunha, sem dúvida alguma, fraqueza ou malícia. E logo, isso não pode existir em Deus.<sup>18</sup>

O filósofo percebe que não é possível que Deus seja enganador, visto que enganar significa fraqueza, imperfeição, como Deus é perfeito, não existe Nele esse atributo. E já que o seu criador não é um Deus enganador, segue a dúvida de que como pode Descartes se equivocar, se não foi feito por um Deus enganador? Sua resposta é muita segura ao dizer que Deus lhe deu duas faculdades: a vontade e o entendimento, onde a vontade é bem maior que o entendimento que é limitado, entendendo o erro como uma privação, uma substância finita não pode ser perfeita, podendo por tanto cair no erro.

Na terceira prova da existência de Deus, Descartes utiliza o argumento ontológico. O filósofo não foi o primeiro a expor o argumento ontológico, Santo Anselmo<sup>19</sup> usou esse argumento ainda no período Medieval, mas nos deteremos

---

<sup>18</sup> Ibid. Pág. 287

<sup>19</sup> Santo Anselmo (1033-1109) foi a expressão máxima da corrente platônico-agostiniana e um dos vértices do pensamento medieval. Cf. REALE, Giovanni. Op. Cit. Pág 494

restritamente à análise do argumento, na visão de René Descartes exposto na quinta *Meditação Metafísica*.

O argumento Ontológico consiste em que Deus, pensado como um Ser Supremamente Perfeito, não pode não existir, por que como alguém que possui todas as perfeições das quais nada lhe falta na essência pode não existir? Para Descartes o que mais atrapalha essa conclusão é que as pessoas tinham a mania de separar em todas as coisas a essência e existência, fazendo com que se tornasse difícil compreender que em Deus essa distinção não existe. Em todas as coisas que concebemos claras e distintamente, a existência está possível, e em Deus exclusivamente a existência se faz necessária. Vejamos como explica:

porém, sem embargo, quando penso nisso com maior atenção, verifico claramente que a existência não pode ser separada da essência de Deus, tanto quanto da essência de um triângulo não pode ser separada da grandeza de seus três ângulos iguais a dois retos, ou, da idéia de uma montanha, a idéia de um vale; de maneira que não sinto menos aversão em conceber um Deus (ou seja, um ser perfeitíssimo) ao qual falte existência (ou seja, ao qual falte alguma perfeição), do que em conceber uma montanha que não possua vale.<sup>20</sup>

Descartes percebe que qualquer noção além da de Deus, pode ter uma existência apenas possível e não necessária. No caso de um triângulo, por exemplo, que pode existir possivelmente, o que nele se torna necessário são suas propriedades como o valor da soma de seus ângulos. Assim como a grandeza de três ângulos iguais a dois retos não pode se separar da essência de um triângulo retângulo, assim também a existência de Deus não pode se separar de sua essência.

Descartes buscava uma certeza igual as que encontrou nas verdades matemáticas, pois já que Deus não o enganou a esse respeito, como pensava antes quando levantou a hipótese do gênio maligno, as essências matemáticas eram verdadeiras e imutáveis. Mesmo que as conclusões tiradas anteriormente não fossem verdadeiras, pelo menos a existência de Deus seria assim como são as verdades matemáticas.

---

<sup>20</sup> DESCARTES, René. *MEDITAÇÕES METAFÍSICAS*. São Paulo: Editora: Nova Cultural, 2000. Pág: 306 (Coleção Os Pensadores)

O filósofo se sente muito seguro ao afirmar essa verdade por que a concebe tão clara e distintamente que não tem como não ser verdadeira e somente a partir dela é que pode encontrar a verdade de todas as outras coisas, sem essa certeza não via como conhecer algo perfeitamente. Assim, Descartes reconhece verdadeiramente a existência de Deus e afirma que todas as outras coisas do mundo dependem Dele para também existir. Como clareza e distinção são regras para o conhecimento da verdade, Deus deveria existir visto que a idéia que faz Dele é tão clara que ninguém pode apresentar razão alguma que seja segura, para que possa duvidar de Deus, pois mesmo podendo cair no erro, por causa da sua imperfeição, o filósofo sabe que jamais pode errar nas razões que conhece tão clara e distintamente.

Finalmente, Descartes alcança o seu grande objetivo, encontra um fundamento sólido para o conhecimento. A verdade está na razão, no sujeito, nas idéias inatas inculcadas no ser humano por Deus, que dotou de racionalidade todos os seres humanos, para que pudessem discernir o verdadeiro do falso. Descartes se afasta da relação direta entre sujeito e objeto e, centra sua teoria no sujeito que conhece, o conhecimento encontra-se no sujeito e não no mundo externo, sendo portanto a alma, a razão a origem do conhecimento. A partir do pensamento é que podemos deduzir todo conhecimento com segurança. Após alcançar o seu próprio pensamento é que o sujeito deve partir para o conhecimento do mundo externo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEYSSADE, Michelle. Descartes. Edições 70

COTTINGHAM, John. *Dicionário de Descartes*. Tradução: Helena Martins; revisão técnica: Ethel Alvarenga; Consultoria: Raul Landim- Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

DESCARTES, René. *Discurso do Método*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2000 (Coleção Os Pensadores).

\_\_\_\_\_. *Meditações Metafísicas*. São Paulo. Editora: Nova Cultural, 2000 (Coleção Os Pensadores)

GILSON, Etienne. A Filosofia na Idade Média. Tradução: Eduardo Brandão- São Paulo: Martins Fontes, 1995.

MARCONDES, Danilo. *Iniciação á História da Filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein/* 11<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

REALE, Giovanni. *História da Filosofia: do humanismo á Kant.* Volume II. São Paulo: Paulos, 1990- (Coleção Filosofia)